

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE: OS DESAFIOS NO CUIDADO DE ENFERMAGEM

Melina de Oliveira Pimentel; Isamara Tayanne dos Santos Galvincto de Oliveira; Maria Betânia Maciel da Silva

Centro Universitário Facex (UNIFACEX) – relacionamento@unifacex.com.br

Introdução: As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) compreendem abordagens que buscam estimular os mecanismos naturais de prevenção de agravos, promoção, manutenção ou recuperação da saúde através de tecnologias eficazes e seguras, cuja atenção está centrada na integralidade do indivíduo e na visão ampliada do processo saúde-doença. O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN), através da Resolução COFEn-197 de 1997, estabeleceu e reconheceu as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem. Além desta Resolução, o Ministério da Saúde, através da Portaria Nº 971 de 03 de maio de 2006, aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2006). Atualmente, o interesse pelas PICS vem aumentando gradativamente por diferentes razões, entre estas, por influências econômicas, ideológicas e culturais, por representar uma alternativa às terapêuticas convencionais, próprias do modelo biomédico, ou até mesmo, por modismo. O fato é que está ocorrendo o retorno para a visão milenar e ancestral do cuidado holístico, percebendo os aspectos emocionais, psicossociais, afetivos e espirituais como fatores que afetam a saúde proporcionando o aparecimento de doenças no corpo físico (JÚNIOR, 2016). A necessidade de os profissionais da saúde entenderem o processo saúde-doença em um paradigma diferente do modelo médico vigente é cada vez mais presente. Está ocorrendo uma concepção cada vez mais holística do mundo, em todos os meios, e as causas desta mudança atribuem-se à necessidade da adoção de uma postura mais equilibrada em relação ao conhecimento racional e intuitivo; ao reconhecimento de que o meio ambiente tornou-se uma ameaça à saúde; e, à existência e importância da natureza subjetiva no conceito de saúde (SAVI; SAUPE, 1995). A relação das PICS com a enfermagem tem atraído crescente interesse no campo da saúde mundial. No entanto, ao mesmo tempo em que a procura por métodos complementares de cuidado se torna crescente, ainda é perceptível os desafios de sua aplicação nas instituições de saúde, onde prevalece a construção do conhecimento fragmentado e desarticulado com essas práticas; ou seja, o cuidado de enfermagem sofre forte influência desse modelo dominante na saúde (TASHIRO et al, 2001). Nesse ínterim, justifica-se a realização deste estudo através do

reconhecimento da importância do uso das PICS no cuidado de enfermagem, sendo cabível identificar os desafios que ainda estão presentes na sua implementação nos serviços de saúde, tendo em vista que os resultados sobre a sua utilização carecem de pesquisas que propiciem a ampliação de sua aplicação. Diante disso, o presente estudo tem como objetivo identificar na literatura científica nacional, os desafios de aplicabilidade das PICS no ato de cuidar em enfermagem.

Metodologia: Trata de uma revisão integrativa da literatura. A busca dos estudos foi realizada no período de julho a setembro de 2017, em publicações indexadas na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (Scielo), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS) e Base de Dados de Enfermagem (BDENF). Para os critérios de inclusão estabeleceu-se a seleção de todas as categorias de artigo, com resumos e textos completos disponíveis para análise e no idioma português, produzidos entre os anos de 2001 a 2016. Para os critérios de exclusão foram adotados os seguintes parâmetros: os estudos que não tinham conteúdos abrangentes ou predominantes sobre a temática e que estivessem duplicados. O levantamento das produções científicas foi realizado por dois revisores utilizando os seguintes padronizados e disponíveis nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): “terapias alternativas”, “terapias complementares” e “cuidado de enfermagem”. Como estratégia de busca foi aplicado entre todos os descritores o operador booleano [AND], isto é, terapias alternativas [AND] terapias complementares [AND] cuidado de enfermagem. Do processo de busca obteve-se um total de 29 estudos que foram selecionados para análise e após aplicação dos critérios de inclusão, foram selecionados 15 para esta revisão.

Resultados e Discussão: No que se refere aos desafios apontados pelos artigos para a aplicação das PICS no cuidado de enfermagem, obteve-se de forma majoritária o modelo biomédico, dominante em saúde, como o principal (MELO et al, 2013). O cuidado de enfermagem sofre forte influência desse modelo e mesmo quando o profissional intenciona ver o cliente como um todo unificado, sua intervenção acaba por retornar ao modelo reducionista devido, principalmente, ao domínio biomédico nos diferentes espaços de atendimento a saúde (PENNAFORTE et al, 2012). É importante destacar que essa dificuldade é mais comum em âmbito hospitalar, espaço cujo valor simbólico e repercussões práticas são legitimamente biomédicas; no entanto, embora seja esperado que a aplicação das PICS se efetue mais facilmente a nível da Atenção Primária à Saúde (APS), devido a sua valorização e ampla utilização nesse âmbito, os estudos mostram que não é tão simples assim (JÚNIOR, 2016). Em pesquisas sobre a utilização das PICS em Unidades Básicas de Saúde (UBS) encontrou-se a falta de conhecimento da PNPIC por parte dos profissionais de saúde e a falta de articulação e diálogo entre os gestores sobre a aplicação

das PICS. Este dado nos mostra que a aplicação da PNPIC não é uma ação fácil de ser realizada e os principais motivos atribuem-se a falta de formação e qualificação compatíveis com o atendimento de práticas não convencionais (ISCHKANIAN; PELICIONI, 2012). Outro desafio bastante recorrente refere-se ao processo de formação acadêmico-profissional do enfermeiro, que ainda é fator limitante ao emprego de outras terapêuticas não orientadas pelo modelo biomédico (TROVÓ; SILVA; 2002). Observou-se em estudos que retratam a visão do graduando de enfermagem, que a noção sobre as PICS se dá principalmente pelos veículos de comunicação e pelo conhecimento do senso comum, não fazendo parte do saber oficial do aluno. Evidenciou-se também certo paradoxo entre o pensar e o agir do estudante, já que muitos recomendavam o uso dessas práticas baseado apenas no conhecimento da cultura do senso comum, sem nunca ter sequer feito uso de alguma (BARROS; TOVEY, 2007). Essa deficiência na formação básica gera uma lacuna no conhecimento do enfermeiro, trazendo prejuízo no seu desempenho profissional. Apesar dos incentivos para a aplicação das PICS no cuidado de enfermagem e dos estudos que comprovam que esses recursos podem contribuir para um cuidado mais humanizado, integrativo e resolutivo, percebe-se a necessidade de divulgar e capacitar os profissionais da saúde, especialmente a equipe de enfermagem, e a população sobre sua terapêutica para que possam ser incorporadas efetivamente (GALLI et al, 2012). Um dado relevante, com relação a busca de artigos sobre as PICS, desenvolvido por profissionais da enfermagem no Brasil e América Latina, verificou-se que apresenta número bastante reduzido de publicações. Isto chama atenção para a necessidade de novas pesquisas para incrementar essas iniciativas e, também, para explorar mais profundamente a relação entre as PICS e o cuidado de enfermagem (BARROS; ADAMS, 2005). Também foram obtidos desafios quanto à falta de espaço físico, de maior valorização das PICS e ineficiência dos meios de divulgação na rede pública de saúde, pela descrença dos profissionais de saúde nas racionalidades médicas decorrente de sua formação (THIAGO; TESSER, 2011). De modo geral, estes dados mostram o despreparo para a implantação dos novos modelos assistenciais e gerenciais em saúde e que a enfermagem vivencia um conflito de base ao tentar desenvolver práticas diferenciadas, construir novas teorias sobre o corpo e maneiras de cuidar (MAGALHÃES; ALVIM, 2013).

Conclusões: Constatou-se uma escassez de estudos sobre as PICS no ato de cuidar de enfermagem, que pudessem dar um maior embasamento científico na construção do trabalho e que, apesar do crescente aumento de sua utilização, ainda é preciso ampliar o conhecimento em torno destas práticas, discutir o tema nos espaços acadêmicos, produzir pesquisas na área. Sobre o conteúdo dos artigos, estes reiteram os desafios que se apresentam a aplicação das PICS no cuidado,

especialmente, o modelo biomédico que sustenta a formação acadêmica-profissional e, ainda, que apesar de toda a repercussão e divulgação das terapêuticas complementares, estas ainda permanecem pouco reconhecidas e muito menos aplicadas no ato de cuidar de enfermagem. Ademais, os principais desafios de aplicação das PICS no cuidado de enfermagem referem-se à falta de espaço físico, de apoio da gestão local e de maior valorização dessas práticas. Ressalta-se a importância de sua utilização nas instituições de saúde, visto os benefícios trazidos para o profissional, clientela e instituição e a necessidade de sua valorização por todos; desde a própria equipe de enfermagem, os demais profissionais de saúde, até os gestores responsáveis por captar e empregar recursos tanto materiais como humanos, contribuindo com o exercício da cidadania e a implementação plena das políticas nacionais voltadas às PICS.

Referências Bibliográficas

BARROS, N. F.; ADAMS, J. A pesquisa sobre as terapias alternativas e complementares e enfermagem no Brasil. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, v.13, n.3, p. 453-454, 2005.

BARROS, N. F.; TOVEY, P. O ensino das terapias alternativas e complementares em escolas de enfermagem. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v.28, n.2, p. 207-214, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política nacional de práticas integrativas e complementares no SUS**. 2006. Brasília: Ministério da saúde. 92 p.

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. Resolução COFEn 197 de 19 de Março de 1997. **Estabelece e reconhece as Terapias Alternativas como especialidade e/ou qualificação do profissional de Enfermagem**. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-1971997_4253.html>. Acesso em: 23 jul. 2017.

GALLI, K. S. B. et al. Saúde e equilíbrio através das terapias integrativas: relato de experiência. **Revista de Enfermagem**, v.8, n.8, p. 245-255, 2012.

ISCHKANIAN, P. C.; PELICIONI, M., C., F. Desafios das práticas integrativas e complementares no SUS visando a promoção da saúde. **Revista Brasileira de Crescimento Desenvolvimento Humano**, v. 22, n.1, p.233-238, 2012.

JÚNIOR, E. T. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. **Estudos Avançados**, v.30, n.86, p. 99-112, 2016.

MAGALHÃES, M. G. M; ALVIM, N. A. T. Práticas integrativas e complementares no cuidado da enfermagem: um enfoque ético. **Escola Anna Nery**, v.17, n.4, p. 646-653, 2013.

MELO, S., C., C. et al. Práticas complementares de saúde e os desafios de sua aplicabilidade no hospital: visão de enfermeiros. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.66, n.6, p. 840-846, 2013.

NUÑEZ, H. M. F.; CIOSEK, S. I. Terapias alternativas/complementares: o saber e o fazer das enfermeiras do distrito administrativo 71 - Santo Amaro - São Paulo. **Revista Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**, v.37, n.3, p. 11-18, 2003.

PENNAFORT, V. P. S. et al. Práticas integrativas e o empoderamento da enfermagem. **Revista Mineira de Enfermagem**, v.16, n.2, p. 289-295, 2012.

SAVI, J. L.; SAUPE, R. As terapias alternativas na assistência de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.48, n.4, p. 323-328, out./dez. 1995.

SILVA, L. B.; LIMA, I. C.; BASTOS, R. A. Terapias complementares e integrativas: conhecimento e utilização pelos docentes do curso de enfermagem de uma instituição pública. **Revista de Saúde Coletiva da UEFS**, v.5, n.1, p.40-45, 2015.

SILVA, N. C. M. et al. Estratégias de ensino das terapias alternativas e complementares na graduação em Enfermagem: revisão integrativa. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v.15, n.4, p. 1061-1067, 2013.

TASHIRO, M. T. O. et al. Novas tendências terapêuticas de enfermagem – terapias naturais – programa de atendimento. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v.54, n.4, p. 658-667, 2001.

THIAGO, S. C; TESSER, C. D. Percepção de médicos e enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família sobre terapias complementares. **Revista Saúde Pública**, v.45, n.2, p. 249-257, 2011.

TROVÓ, M, M; SILVA, M. E. P. Terapias alternativas/complementares a visão do graduando. **Revista Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo**, v. 36, n.1, p. 75-79, 2002.

TROVÓ, M., M.; SILVA, M. J. P.; LEÃO, E. R. Terapias alternativas/complementares no ensino público e privado: análise do conhecimento dos acadêmicos de enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v.11, n.4, p. 483-489, 2003.